



## RELAÇÃO DO GÊNERO FEMININO E ENSINO DE GEOGRAFIA: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS

**Keila Miranda Tachevski**

keilamirandat@gmail.com<sup>1</sup>

### Resumo

*Esse trabalho resulta de uma pesquisa que teve como objetivo identificar as possibilidades de discussões de gênero no ensino médio, especialmente na disciplina de Geografia. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, e faz parte de um projeto mais amplo denominado: Educar-se com/na cidade de Guarapuava-PR: práticas socioespaciais da juventude escolar, financiado pela Fundação Araucária. Para isso, realizou-se uma parceria com a Escola Estadual do Campo Professora Maria de Jesus Pacheco Guimarães. A metodologia, constituiu em revisão bibliográfica, roda de conversa e análise do livro didático. Na análise dos dados, concluiu-se que é possível o estudo de gênero nas aulas de Geografia, pois os conteúdos geográficos são ricos em temas que problematizam as relações sociais e, nestas, como se dá o papel e o lugar da mulher na sociedade, a questão é o professor estar preparado para realizar a abordagem espacial por meio das questões de gênero, neste caso, da condição da mulher na sociedade. Constatou-se também que os alunos possuem um conhecimento prévio sobre o tema, o que pode enriquecer os debates em sala de aula e, com isso, oferecer os elementos necessários ao professor para (re) elaborar esses conhecimentos de modo a aprendizagem geográfica.*

**Palavras-chave:** Gênero, Ensino de Geografia, Ensino Médio.

### Introdução

A ideia para essa pesquisa surgiu após um trabalho realizado no Colégio Estadual do Campo Professora Maria de Jesus Pacheco Guimaraes localizada no Distrito do Guará, no município de Guarapuava-PR, no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) Interdisciplinar, no qual a temática de gênero emergiu como uma preocupação da escola. Trata-se de uma escola que atende predominantemente alunos do campo, estando as mulheres em atividades relacionadas a agricultura ou com os cuidados com a família.

---

<sup>1</sup> UNICENTRO – Universidade Do Centro-Oeste do Paraná, sendo um trabalho de pesquisa de IC; agradeço a Prof<sup>a</sup> Dr Marquiana de Freitas Vilas Boas Gomes pela orientação e apoio no presente trabalho.

Além atividade supracitada, essa pesquisa também faz parte de um projeto mais amplo denominado: Educar-se com/na cidade de Guarapuava-PR: práticas socioespaciais da juventude escolar, financiado pela Fundação Araucária.

No âmbito de uma outra pesquisa realizada na mesma escola, em 2016, especificamente com as meninas, verificou-se que a representação de gênero que as estudantes têm ainda revela preconceitos, tais como: há brinquedos e profissões próprias para mulheres/homens, algumas atividades devem ser realizadas só por homens e outras só por mulheres. Embora no discurso houve uma parcela do grupo que respondeu a pesquisa na perspectiva da igualdade, quando se pediu o relato de como as ações ocorrem no ambiente familiar verificou-se que as atividades domésticas são predominantemente realizadas por mulheres, mesmo quando elas colaboram nas atividades agrícolas e em outras atividades que geram renda. (TACHEVSKI, et al. 2017)

A partir desta constatação, optou-se por continuar a pesquisa, com foco em compreender como os componentes curriculares podem tratar da questão de gênero no âmbito dos conteúdos curriculares, Nesse sentido, particularmente na geografia escolar, é interessante observar como as questões de gênero podem interferir nas práticas espaciais e, no âmbito do ensino, como o professor pode se apropriar destas particularidades para contextualizar os conceitos e conteúdos geográficos.

Essas discussões são apresentadas ao longo deste texto que está dividido em três partes. Na primeira apresenta-se a metodologia, na segunda o referencial teórico e, na terceira os resultados da pesquisa.

## **Metodologia**

A pesquisa foi realizada em três etapas. Na primeira etapa, foi feita a revisão bibliográfica de livros e artigos que tratam do tema de estudo. Na segunda etapa, foi realizada a roda de conversa com 13 jovens estudantes da Colégio Estadual do Campo Maria de Jesus Pacheco Guimarães. Esta etapa se deu com perguntas sobre o tema e mediação do debate entre os participantes. A roda seguiu princípios do grupo focal (LERVOLINO, 2001). Essa atividade foi gravada para posterior análise. E, na etapa três, foi realizada a análise do livro didático de Geografia utilizado no 3º ano do ensino médio na escola parceira, por meio da análise de conteúdo (BARDIN, 1977).



Já sobre a análise do livro didático escolheu-se o material fornecido pela escola buscando ver, principalmente, temas de como a mulher é representada, se ele traz questões sobre a cultura e o trabalho feminino, se prioriza a mulher em algum papel de liderança, ou exerce funções que não são comumente atribuídas às mulheres. O livro didático analisado foi *Geografia geral e do Brasil: Espaço Geográfico E Globalizado*, 3ª. edição, de autoria de João Carlos Moreira, 2016. O livro é separado em cinco unidades: A primeira - Brasil: Indústria, Política Econômica e Serviços; A segunda - Energia e Meio Ambiente; A terceira - População; A quarta - O Espaço Urbano e o Processo de Urbanização e; A quinta e última - -O Espaço Rural e a Produção Agropecuária.

## Revisão Bibliográfica

### Gênero: Elementos Conceituais

Segundo Blay (2006) gênero é uma relação social que ocorre entre homens e mulheres e é determinada pela cultura, enquanto o preconceito diz a respeito a atitudes que implica em desqualificar uma pessoa, no caso das mulheres, isto é realizado justamente por ela ser mulher.

Auad (2005) fala que gênero não é sinônimo de sexo (feminino ou masculino), mas sim esta atribuído as representações que a sociedade constrói para atribuir significados para cada sexo, através do tempo.

Já segundo ao guia lançado pelas autoras Rossini, Rosa Ester et all (1997) gênero é um conceito que identifica o tipo de relação social que se estabelece entre os homens e as mulheres. Sendo que essas relações são socialmente construídas e, como tal, específicas as formações sociais mutáveis diante de alterações econômicas e culturais.

Ocorre que os papéis desenvolvidos pela sociedade são reforçados desde muito cedo, através de distinção de roupas e brincadeiras e, neste período, as meninas já aprendem ser femininas, e os meninos a cuidar de sua masculinidade, deixando claro que ao longo da história a menina já é “treinada” a ser mãe e cuidar da casa. Sobre isso Tonini (2002, p, 63-64) argumenta que:

O direcionamento das mulheres para o cuidado dos/as filhos/as verifica-se, mais intensamente, a partir da formação da família moderna, no século XVIII, constituída em uma arena política em que homens e mulheres estão implicados desigualmente nas funções familiares: o homem era seu provedor econômico, cujas atividades passavam a

ser realizadas no espaço público, enquanto a mulher era a provedora moral e espiritual da família, cujas atividades eram desenvolvidas no espaço privado do lar.

Segundo Rossini (1997) “igualdade de gênero é a relação entre os indivíduos em virtude da qual todos eles são portadores dos mesmos direitos fundamentais que provem da humanidade...”, Quando falamos sobre igualdade de gênero, nos referimos a igualdade de direitos, de oportunidades, responsabilidades relativas a casa e a família, sendo que em muitas ocasiões tais responsabilidades ficavam somente para a mulher. Enquanto a equidade de gênero, segundo Rossini, Rosa Ester et all (1997, p.119):

Refere-se à igualdade de oportunidades, ao respeito pelas diferenças existentes entre homens e mulheres e às transformações das relações de poder que se dão na sociedade em nível econômico, social, político e cultural, assim como à mudança das relações de dominação na família, na comunidade e na sociedade em geral.

Com a urbanização e a modernização, entre os séculos XIX e XX nos países desenvolvidos e, da década de 1960, nos países subdesenvolvidos, como o Brasil por exemplo, ampliou-se a entrada de mulheres no mercado de trabalho, e assim foram assumindo novos papéis na sociedade. Estes avanços não foram sem lutas, e possuem distorções já que as mulheres acumulam funções fora e dentro de casa e tem remuneração proporcionalmente menor que os homens. (BECHER; KLANOVICZ. 2016, p.166- p.168)

Conforme Silva (2011), a mulher e o homem entram no mercado de trabalho em condições diferentes, o que acaba gerando uma desigualdade de oportunidades referente ao acesso, a permanência, o tipo de trabalho e a remuneração. Essas situações ocorrem pela divisão sexual do trabalho, que impõe os papéis que devem ser desenvolvidos pelas mulheres e pelos homens, sendo diferenciadas entre si, gerando uma hierarquia do sexo masculino sobre o feminino.

### **Gênero Feminino no Campo**

Na cidade destacam-se organizações e movimentos feministas, enquanto no campo, são importantes as atividades promovidas por coletivos de mulheres em associações de produtoras rurais e/ou em movimentos sociais, a exemplo o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST. Esses movimentos buscam romper com a hierarquia e o preconceito de gênero e equalizar



o papel da mulher em diferentes dimensões da vida social. Algumas conquistas jurídicas e de espaços de inclusão da mulher resultam destas lutas e de políticas públicas que reforçam a importância da igualdade de gênero (BECHER, 2016). Desse modo,

O feminismo enquanto movimento social nunca esteve tão vivo, tão mobilizado, tão atuante como nesse início de século, de milênio. Talvez tenha mudado de cara, já não “queima sutiã”, raramente faz passeata e panfletagem, o que não significa dizer que tenha perdido sua radicalidade, abandonado suas lutas, se acomodado com as conquistas obtidas ou mesmo se institucionalizado (COSTA, 2005, p.1).

A participação de mulheres em movimentos sociais no campo toma uma característica singular na década de 1980 quando são realizados os primeiros encontros voltados para problemas que lhes são específicos. Tal fato não implica, porém, que a mulher estivesse ausente das lutas travadas por camponeses e trabalhadores rurais em momentos anteriores. No entanto, observa-se, nessa época, uma mudança na qualidade desta participação. Até então, a inserção feminina nos movimentos sociais no campo realizava-se, normalmente, através da participação dos respectivos maridos ou de outros familiares. (Giuliani. 1976)

Para essas mulheres a participação em movimentos sociais era muito mais que uma questão de gênero, mas sim uma luta por uma categoria social contra a exploração ou expropriação, apesar de o campo ser um ambiente fundado em definições tradicionais em relação ao gênero.

Além disso, se compreendermos o movimento das mulheres trabalhadoras rurais é necessário levar em consideração não apenas os fatores objetivos decorrentes das condições materiais de vida, mas também valores ideológicos estruturantes das relações entre os sexos e conformadores das identidades sociais dos gêneros (Stolcke. 1986).

Podemos entender que o trabalho é, em grande medida, qualificado e valorado em função de quem o executa, bem como em função da posição que os membros ocupam na hierarquia social. O trabalho “leve” não significa trabalho agradável ou pouco exigente em termos de esforço físico, assim, a divisão sexual do trabalho não pode ser interpretada só e nem apenas definida em função de uma racionalidade biológica, pois em grande medida ela é definida culturalmente (LARAIA, 1986).

Para uma construção de uma sociedade igualitária começa pelo direito de trabalho, e como consequência direitos sociais; no caso da mulher do campo ela sonha com uma profissão

socialmente reconhecida, que ela não apenas exerça funções femininas, pois as suas atividades realizadas dentro da casa não são valorizadas.

Essas reflexões nos levam a reconhecer que a luta da mulher do campo começa pela luta pelo reconhecimento de seu estatuto profissional, mas está em oposição aos valores culturais que definem o gênero feminino. Nesse sentido, o caminho percorrido pelos movimentos sociais rurais é limitado pelas próprias relações sociais de gênero no campo.

### **As questões de gênero e a percepção dos jovens do Colégio Estadual do Campo Maria de Jesus Pacheco Guimarães**

Perguntados sobre a percepção que eles têm sobre gênero, sobretudo com a diferença, todos os jovens participantes da pesquisa reconheceram que há. Um deles argumentou que isso se deve pela criação/família/geração, pois desde muito cedo a atividade familiar é dividida, a menina cuida da casa, e o menino cuida da plantação. E para a família a mulher é considerada mais frágil e, por este motivo, o serviço mais pesado – o da plantação – fica para o homem. Esse entendimento das divisões em função da força física foi observado em Larai (1986), porém como já mencionado neste texto, essa é uma concepção questionável, pois embora haja a divisão e isso não significa necessariamente privilégio, ou mesmo menos esforço físico, esta questão acaba por reforçar a desigualdade de gênero.

Para os jovens essa cultura é mais forte no campo do que na cidade, pois as jovens afirmaram que no campo não tem muita possibilidade de emprego para as mulheres e, como consequência elas acabam por ficarem responsáveis pela casa. Em contrapartida, como na cidade por a mulher ter mais possibilidades de emprego pode ocorrer que o homem torna-se o responsável pela casa, um jovem relatou que isso até ocorria com alguns familiares que moram na cidade.

Outro jovem relatou que ele ajudava sua mãe nas atividades da casa, mas acreditava que apenas desenvolvia essas atividades por ser filho único, segundo ele: “Por exemplo, vejam lá em casa, sou eu que ajudo a mãe a limpar a casa, mas acho que isso acontece por que sou filho único, então se eu tivesse uma irmã seria ela que ia ajudar” (jovem 2, roda de conversa, 2018)

Questionados sobre a perspectiva de trabalho e emprego, foi possível observar que a maioria dos jovens almejam profissões com certo reconhecimento e, em alguns casos algumas



profissões que precisam de uma graduação. Dentre essas, afirmou-se que durante o período da graduação viveriam na cidade, pois os custos para ir todos os dias do campo até a cidade seriam altos, pela comodidade de morar próximo ao local de estudo e também aproveitar para trabalhar. Mas após o término da graduação, 55% dos jovens gostaria de morar na cidade e 45% gostariam de voltar a morar no campo. Embora maior a proporção daqueles que querem mudar para cidade, esse dado evidencia-se que uma parte significativa ainda vê o campo como espaço de vivência.

Em relação ao casamento, a perspectiva que tem, seja os jovens ou as jovens é de as atividades domésticas após ao casamento deverá ser dividida, e ambos possam trabalhar fora de casa. Neste caso, quem não trabalhar fora ficará responsável pelas atividades domésticas, independente do gênero. O mesmo diz respeito os cuidados dos filhos. Segundo eles também deveria ser uma responsabilidade dos dois, a mãe sempre é a que tem maiores responsabilidades com a educação dos filhos segundo os jovens. “Eu com certeza vou dividir o serviço de casa com o meu marido, a não ser que ele trabalhe e eu não, e sobre os filhos, o marido também tem responsabilidades, pois a mulher não faz filho sozinha” (jovem 1, roda de conversa, 2018)

Durante a conversa (figura 01) surgiu a temática das conquistas obtidas pelas mulheres, as quais concordaram que só foi possível através da luta, da insistência, e um dos exemplo citados por eles fora o direito da mulher exercer o voto, falaram também algo mais perto da realidade deles, que são os movimentos das mulheres camponesas, do MST, onde sempre as mulheres estão envolvidas e até em alguns casos a frente do movimento. “Nós na semana passada na aula de sociologia, foi falado de movimentos sociais, e a mulher sempre esteve presente neles, deve o movimento da mini saia, a luta para a mulher poder votar, no MST, mas a mídia só fala dos movimentos feministas, mas deve e tem outros onde a mulheres tá a frente” (jovem 9, roda de conversa, 2018)

Em relação a vida cotidiana dos jovens participantes da pesquisa, foi possível perceber que as mulheres estão mais presente nas atividades domésticas e nos cuidados com os filhos do que os homens e acreditam que existe diferenças entre os homens e as mulheres. Mas também foi possível constatar que os jovens não possuem uma visão hierárquica apesar de serem moradores do campo, pois predomina o pensamento de igualdade de gênero.

Figura 01. Roda de conversa sendo realizada com os alunos



(Fonte: TACHEVSKI. M. K. 2018)

## **Análise Do Livro Didático De Geografia**

Os livros didáticos atuais recebem muitas críticas, porém ainda hoje, o livro é o principal recurso didático disponível nas escolas públicas e muito mais que passar os conceitos, e ser um apoio à prática docente, o livro tem um papel cultural, literário e científico.

A análise realizada no livro didático fornecido pela escola buscou ver, principalmente, os temas de como a mulher é representada, se ele traz questões sobre a cultura, e o trabalho feminino. Outros aspectos foram verificar se a mulher é representada no livro, desenvolve algum papel de liderança, ou exerce funções que não são comumente atribuídas às mulheres.

O livro didático analisado foi *Geografia geral e do Brasil: Espaço Geográfico E Globalizado*, 3 ed. Escrito por João Carlos Moreira, 2016. O livro é separado em cinco unidades, a primeira unidade traz o tema Brasil: Indústria, Política Econômica e Serviços, na segunda unidade o tema é Energia e Meio Ambiente, na terceira unidade o livro traz como tema a População, na quarta unidade o assunto tratado é O Espaço Urbano e o Processo de Urbanização e na quinta e última unidade do livro o tema é O Espaço Rural e a Produção Agropecuária.



Na unidade 1, onde se trata sobre a estrutura e distribuição espacial do comércio e dos serviços, apesar do texto não fazer nenhuma menção as mulheres ele traz uma foto de manicures trabalhando em salão de beleza no Rio de Janeiro, em 2014. Enquanto na capa da mesma unidade o livro traz um homem na linha de montagem de uma indústria automobilística em São Bernardo do Campo em São Paulo em 1958. Aqui tem-se um exemplo da divisão de tarefas por gênero, na qual os “serviços mais pesados” ficam como responsabilidade masculina e os mais leves, ou estéticos com as mulheres.



(Fonte Foto 1: MOREIRA. João Carlos. Geografia Geral e do Brasil: espaço geográfico e globalização: p 7. 2016. FONTE FOTO 2: MOREIRA. João Carlos. Geografia Geral e do Brasil: espaço geográfico e globalização: p 40, 2016)

Na unidade 2 do livro, a mulher não é citada, e também não traz nenhuma foto, a temática abordada é Energia e Meio Ambiente.

Quando o livro retrata sobre a população mundial na unidade 3 pode-se observar que as mulheres recebem algum destaque, pois a esperança de vida para elas é maior que a esperança de vida para os homens. Sendo que a média masculina entre os 12 países citados (Japão, Itália, Alemanha, Estados Unidos, México, Argentina, Arábia Saudita, Brasil, Egito, Haiti, Moçambique e Guiné-Bissau) corresponde à 69,83 anos, e a média feminina é 74,91 anos, correspondendo que as mulheres vivem em média 5,08 anos a mais que os homens nestes países. Nestes contextos, aparece uma visão mais positiva da mulher na medida que os fatores

que favorecem a sua expectativa de vida são: cuidados com a saúde, o não envolvimento em situações violentas e acidentes, usualmente de características masculinas, porém também afirma que isso se deve ao fato de que culturalmente, as mulheres trabalham em serviços menos pesados. Aqui é importante notar que não se reconhece o fator de multitarefas exercidos pela mulher que, em muitos casos, podem gerar estresse e também problemas de saúde.

O livro traz duas páginas especialmente dedicadas as questões de gênero (113 e 114), na Unidade 3 na página 113 com o título *Questão de Gênero* o livro retrata que existe muita discriminação de gênero, onde as mulheres não recebem as mesmas condições e oportunidades que os homens. Sendo que nos países da Europa ocidental, Estados Unidos e na Austrália houve grande diminuição das desigualdades, decorrentes das lutas femininas de mais de um século, e citando que no Brasil houve avanços, mas em menor escala, como por exemplo a participação das mulheres no mercado de trabalho e no sistema de educação etc. E na mesma página o livro traz uma menção aos Objetivos do Milênio que foi estabelecido pela ONU: promover a igualdade entre gênero e a autonomia das mulheres.

O livro traz uma foto de uma pesquisadora trabalhando na indústria da computação em Benha (Egito), em 2013. Nas sociedades em que trabalho, educação e renda ocorrem em igualdade de gênero, todos os demais indicadores socioeconômicos melhoraram, pois a o crescimento econômico e desenvolvimento social.

Foto 3: Pesquisadora trabalhando em indústria da computação em Benha (Egito), em 2013





(Fonte: MOREIRA. João Carlos. Geografia Geral e do Brasil: espaço geográfico e globalização: p 113, 2016)

Na página 114 com o título *Cultura, Gênero e Direitos humanos*, ele menciona que a cultura influencia e é influenciada, que elas não são fixas, que a sociedade está continuamente envolvida em remodelá-la, embora alguns aspectos continuem a influenciar escolhas e estilos de vida. O autor do livro contextualiza que não podemos pensar que todos os membros de uma cultura têm os mesmos pensamentos, isso seria equivocado, pois ignoraria todas as mudanças culturais, o movimento em direção à igualdade de gênero é bom exemplo disso. Porém, a desigualdade de gênero continua sendo espalhada em muitas culturas.

Segundo o livro, o poder opera dentro das culturas por meio de imposição que pode ser visível, as relações de poder são, portanto, o cimento que liga e molda a dinâmica de gênero e fundamenta o raciocínio e a maneira de como as culturas reagem e se manifestam. Sendo que os avanços da igualdade nunca vieram sem um choque com a cultura.

O livro traz também uma foto da manifestação feminista pela diversidade e contra o patriarcado em Barcelona (Espanha), no Dia Internacional da Mulher, em 2016. E muitos avanços de igualdade de gênero foram através dessas lutas das mulheres em todo o mundo.

Quando o livro descreve a estrutura da população brasileira ele afirma que a pirâmide etária brasileira apresenta uma parcela ligeiramente maior de população feminina, segundo o IBGE, em 2014 o Brasil tinha 98,3 milhões de homens (48,4%) e 104,8 milhões de mulheres (51,6%), e dando este destaque para as mulheres o livro traz uma foto da corrida de cem metros feminina durante os primeiros Jogos Mundiais dos Povos Indígenas, realizada em Palmas (TO), em 2015.

Ainda na Unidade 3 do livro, na página 167, no contexto População Economicamente Ativa (PEA) e Distribuição de Renda no Brasil, ele possui um subtítulo, Participação das Mulheres, que fala que na composição da PEA, no ano de 2014 as mulheres correspondiam por 43,2% de participação. O aumento dessa participação ganhou impulso com os movimentos feministas a partir da década de 1970, quando houve reivindicação por igualdade de gênero no mercado de trabalho, nas atividades políticas e em outras esferas da vida social. E além disso, houve o aumento de mulheres que passaram a prover o sustento da família, inserindo-se cada vez mais no mercado formal.

Na continuidade do contexto na página 168, o livro reconhece que apesar das mulheres possuírem um grau de estudo a mais que os homens, ainda muitas vezes as mulheres recebem salários menores, havendo uma predominância feminina nos trabalhos de qualificação e salários baixos, como o trabalho domésticos e operação de telemarketing.

Quando se analisa pessoas que estão à procura de emprego, em 2014 segundo IBGE, 56,7% dessas pessoas são mulheres, sendo que só não é menor do que o percentual de pretos e/ou pardos que corresponde à 60,3%, sendo que as mulheres negras e/ou pardas são as mais atingidas pelo desemprego. E na Unidade 4 também não faz menção ao gênero feminino como na unidade 2.

Quando chegamos no Unidade 5 O Espaço Rural e a População Agropecuária que inicia-se na página 237 e termina na página 279, no contexto mundial e nacional a mulher do campo não é citada, e entre as 28 fotos que se encontram nesta unidade (sem contar as imagens ilustrativas, como por exemplo, mapas e gráficos), somente 2 fotos apresenta o gênero feminino, sendo que uma encontra-se na página 241, onde mostra a produção da agricultura de jardinagem (cultivo de arroz), em Hainan na China, em 2016.

A segunda foto encontra-se na página 267, onde mostra alunos de escola agrícola em uma aula de campo no município de Independência (CE), em 2013, onde neste grupo de alunos constata-se que possui algumas meninas, em menor número que meninos. Apesar de nesta unidade não ter nenhum contexto do gênero feminino, é possível notar que as mulheres fazem parte desde meio, porém em menor escala que os homens.

Este livro por ser um livro atual, e está no primeiro ano de uso, traz vários contextos sobre gênero, e a importância na mulher para a sociedade, e as lutas que elas enfrentaram para conseguir o devido respeito e direitos merecidos. Isso se deve, ao Plano Nacional do Livro Didático, PNLD, que insere como requisito para a aprovação do livro o papel positivo da mulher nas diferentes dimensões sociais e econômicas.

## **Considerações finais**

Com a roda de conversa foi possível notar que os alunos têm um bom conhecimento sobre as questões de gênero, pois este é um assunto que pode ser tratado em diversas disciplinas, como por exemplo sociologia, biologia etc. Porém, mais que uma possível pauta para uma aula,



é necessário que o professor se sinta apto a trabalhar com esta temática, pois é um assunto complexo e que pode ter opiniões divergentes. O que o coloca como um importante mediador.

Com a análise do livro didático foi possível notar que as discussões de gênero estão cada vez mais presentes no âmbito escolar, o Plano Nacional do Livro didático garantiu que a haja conteúdos dedicada exclusivamente a este assunto, e trazendo este tópico em outras temáticas, e em uma possível comparação com livros didáticos mais antigos não encontraremos estas discussões.

Desse modo, oferece ao professor possibilidades de trabalhar com o tema e apresentar diversos enfoques, possibilidades, o que para os alunos significaria uma maior probabilidade de compreensão sobre as questões relacionadas ao gênero.

De modo geral foi possível concluir que é possível estudar questões sobre gênero em sala de aula, pois os alunos já possuem um conhecimento prévio sobre o tema, pois por viverem em um ambiente do campo, eles familiarizam-se com algumas realidades dos movimentos sociais, onde as mulheres participam ativamente, e podem oferecer contribuição para as discussões.

### Referências bibliográficas

AUAD, Daniela. Relações de gênero nas práticas escolares: o aprendizado da separação nas “misturas” no pátio. **Revista Ártemis**, Universidade Federal da Paraíba, v. 2, p. 39-49, jul., 2005.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BECHER, Caroline, Klanovicz, Jó. **Mulheres Camponesas e os Desafios do Acesso às Políticas Públicas para igualdade de gênero**. Revista Latino-americano de geografia, Ponta Grossa, v. 7, n. 2, p. 159 – 177, ago./ dez. 2016.

BLAY, Eva Altermann. **Ensino e educação com igualdade de gênero na infância e na adolescência - Guia pratico para educadores e educadoras**. São Paulo: NEMGE/CNPq, 2a edição, revista e ampliada, 2006.

COSTA. Suely Gomes. Onda, rizoma e “sororidade” como metáforas: representações de mulheres e dos feminismos (paris, rio de janeiro: anos 70/80 do século xx). **R. Inter. Interdisc. Interthesis**, Florianópolis, v.6, n. 2, p. 01 – 29, 2009.



**Giuliani.** P. C. “Silenciosas e combativas: as contribuições das mulheres na estrutura sindical do NE”, 1976.

**LARAIA,** Roque De Barros. **Cultura um conceito Antropológico.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

**MOREIRA.** João Carlos. Geografia Geral e do Brasil: espaço geográfico e globalização: ensino médio/ João Carlos Moreira, Eustáquio de Sene. –3. Ed-- São Paulo: Scipione, 2016.

**TACHEVSKI,** K. M.; **COVALSKI,** M. F.; **GUIDONI,** L.; **GOMES,** Marquiana F. V. Boas. **UM OLHAR FEMININO SOBRE A VALORIZAÇÃO DA MULHER DO CAMPO: UMA ANÁLISE REALIZADA PELO PIBID INTERDISCIPLINAR.** In: XIII Encontro Nacional de Prática em Ensino de Geografia, 2017, Belo Horizonte. Anais do XIII ENPEG. Belo Horizonte: ICG, 2017. p. 2449-2458.

**TONINI,** Ivaine Maria. **Identidades Capturadas: Gênero, geração e etnia na hierarquia territorial dos livros didáticos de Geografia.** 2002. 139f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

**SILVA,** Susana Maria Veleda da. **Mulheres e trabalho: novos e velhos dilemas.** In: **SILVA,** Joseli Maria; **SILVA,** Augusto Cesar Pinheiro da. (Org.). **Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras.** Ponta Grossa: Todapalavra, 2011.

**Stolcke.** V. Para uma análise das transformações das relações de produção e a mediação dos valores ideológicos e culturais. **Cafeicultura: homens, mulheres e capital,** São Paulo, Brasiliense, 1986.